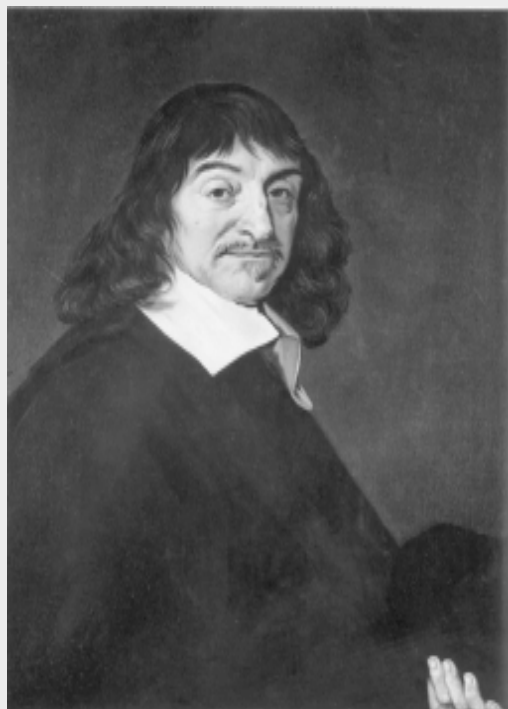




Carta de René Descartes a Marin Mersenne¹



[46] Reverendo Padre,

Apesar de ter recebido três de vossas cartas desde a minha última, não encontro aí matéria suficiente para preencher esta folha. Pois a primeira, de quatro de março, contém apenas a observação das declinações do ímã, que variam na Inglaterra, com o raciocínio que um matemático, que vós não nomeais,² fez a respeito desse assunto; raciocínio este que é muito bom para descobrir a causa daqui para frente. Mas se vós esperais que eu vos diga, provisoriamente, minha conjectura, como eu não creio que as declinações do ímã venham de outro lugar que não das desigualdades da Terra, também não creio de forma alguma que a variação dessas declinações tenha uma outra causa que não sejam as alterações que ocorrem na massa da Terra: seja porque o mar ganha

de um lado e perde de outro, da mesma forma que vemos claramente o que ele faz com este país; seja porque de um lado se formam minas de ferro ou porque esgotam-se de outro; ou seja, somente, porque foi transportada alguma quantidade de ferro ou de tijolo ou de argila de um lado da cidade de Londres para outro. Pois eu me lembro que, querendo ver a hora no quadrante onde havia uma agulha imantada, e estando próximo de uma casa na qual havia grandes grades de ferro nas janelas, encontrei muita variação na agulha, mesmo distanciando-me mais de cem passos dessa construção, e passando de sua parte ocidental para a oriental, para melhor observar a diferença. Para o céu, não é crível que tenha advindo tanta mudança em tão poucos anos para causar essa [47] variação, pois os astrônomos a teriam observado.

Eu vos agradeço, pela segunda vez, pela semente da sensitiva (*l'herbe sensitive*),³ que encontrei nesta carta, depois de tê-la recebido, oito dias antes, numa outra. Eu recebi, também, o ensaio a respeito das cônicas, do filho de senhor Pascal⁴ e, antes de ter lido a metade, julguei que ele havia aprendido com o senhor des-Argues,⁵ o que me foi confirmado, imediatamente depois, pela confissão que ele mesmo fez.

Vossa segunda carta, de dez de março, continha uma outra do senhor M(eyssonnier),⁶ à qual responderei, se pensar que esta vos deve ainda encontrar em Paris; mas se deve ser enviada para mais longe, não há necessidade de carregá-la tanto, e eu posso colocar aqui, em poucas palavras, tudo o que tenho para fazê-lo saber, e isso será, se vos agrada, para quando vós lhe escreverdes. E (depois de meus agradecimentos pela benevolência que ele me testemunha) no que diz respeito às espécies⁷ que servem à memória, eu não nego absolutamente que elas não possam estar em parte na glândula denominada *conarium*, principalmente nos animais e naqueles que têm o espírito grosseiro; pois, quanto aos outros, não teriam, parece-me, tanta facilidade em imaginar uma infinidade de coisas que eles nunca viram, se [48] a alma deles não estivesse junta a alguma parte do cérebro que fosse muito própria para receber todo tipo de novas impressões, e, por conseqüência, muito imprópria para conservá-las. Ora, só há essa glândula à qual a alma possa estar assim tão junta, pois não há senão ela, em toda a cabeça, que não seja dupla. Mas eu creio que é todo o resto do cérebro que serve mais à memória,⁸ principalmente suas partes internas e, ainda, que todos os nervos e músculos podem servir para isso; de forma que, por exemplo, um tocador de alaúde tem uma parte de sua memória em suas mãos, pois a facilidade de dobrar e de dispor seus dedos de diversas maneiras, que ele adquiriu pelo hábito, ajuda a fazê-lo lembrar de passagens para a execução das quais ele deve assim dispô-los. Vós acreditareis facilmente nisso, se vos dispuserdes a considerar que tudo aquilo a que se chama memória local está fora de nós; de forma que, quando lemos algum livro, todas as espécies que podem servir a nos fazer lembrar daquilo que está dentro não estão em nosso cérebro, mas há também várias no papel do exemplar que nós lemos. E não importa que essas espécies

não tenham semelhança com as coisas das quais elas nos fazem lembrar, pois muitas vezes aquelas que estão no cérebro não a têm mais, como eu disse no quarto Discurso de minha *Diópt(rica)*.⁹ Mas, além dessa memória, que depende do corpo, eu reconheço uma outra, totalmente intelectual, que só depende da alma.¹⁰

Não estranharia que a Glândula [49] *Conarium* se encontrasse corrompida na dissecação dos letárgicos, pois ela se corrompe tão prontamente em todos os outros; e querendo vê-la, em Leiden, há três anos, em uma mulher que estava sendo anatomizada, ainda que eu a procurasse com muita curiosidade, e soubesse muito bem onde ela devia estar, como estando acostumado a encontrá-la nos animais recém abatidos sem nenhuma dificuldade, todavia me foi impossível reconhecê-la. E um velho professor que fazia essa anatomia, chamado Valcher,¹¹ confessou-me que jamais havia podido vê-la em nenhum corpo humano; creio que isso vem do fato de serem consumidos, comumente, alguns dias para ver os intestinos e outras partes, antes de abrir a cabeça.¹²

No que diz respeito à mobilidade dessa glândula, não quero outra prova além de sua localização: pois estando sustentada apenas por pequenas artérias que a cercam, é certo que é preciso pouca coisa para movê-la, mas eu não creio, por isso, que possa se afastar muito, nem daqui nem de lá.

Quanto aos sinais de nascença (*marques d'envie*),¹³ o que faz com que vós acrediteis que eles se assemelham tão perfeitamente aos objetos vem do fato de que estranhais que eles se possam assemelhar tanto quanto se assemelham, mas se os comparardes com os retratos dos piores pintores, vós os encontrareis ainda muito mais defeituosos. Quanto à urina dos hidrófobos é uma questão de fato, na qual nada vejo de impossível; não mais do que naquilo que me haveis escrito sobre a fecundidade de um grão de cereal, depois de haver sido imerso [50] em sangue ou em esterco. No que diz respeito àquilo que o senhor N.¹⁴ vos disse sobre o magneto, basta que tenhais nomeado vosso autor para me impedir de dar crédito a isso.

Chego à vossa última [carta], de vinte de março, na qual vós me fizestes saber que reenviastes o pequeno Catálogo de Plantas que vos enviei, e que, no entanto, não encontro com essa carta; mas também não me preocupei com isso, não mais do que com aquele das plantas do Jardim Real que tivestes o cuidado de enviar-me, sem que eu o tenha ainda recebido, mas fui informado que eles estão em Leiden.¹⁵

Nada ouvi dizer a respeito do que me avisastes que vos escreveram da Inglaterra informando que eu estava a ponto de ir para lá; mas eu vos direi, cá entre nós, que se trata de um país no qual eu preferiria morar a muitos outros países; e quanto à religião, dizem que o rei é católico por vontade: por isso, eu vos peço para não desviar suas boas intenções.¹⁶

Eu não saberia, agora, remeter às matemáticas para procurar o corpo sólido da roldana,¹⁷ mas não o creio impossível.

René Descartes

Eu vos mandei, em minha [carta] precedente,¹⁸ a única razão que eu saiba que possa impedir que um mosquete tenha tanto efeito próximo quanto de um pouco longe, e não há [51] nenhuma aparência de verdade naquilo que vós me enviastes do senhor Myd(orge).¹⁹ Eu sou.

1 de abril de 1640

René Descartes

Traduzido do original em francês por Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli

Notas

1 Tradução do texto extraído da edição de Charles Adam & Paul Tannery (AT), vol. III, p. 46-51. As páginas dessa edição estão indicadas entre colchetes.

Marin Mersenne (1588-1648) conheceu Descartes provavelmente em 1623. Dedicado ao estudo da matemática, física, música, filosofia e teologia, Mersenne publicou vários livros e exerceu uma importante função no meio letrado: reuniu ao seu redor importantes personagens (Huyghens, Fermat, Peiresc, Gassendi, Étienne e Blaise Pascal, Galileu e Beeckman, dentre outros) e possibilitava o contato entre todos por meio de cartas, que serviam como meio de divulgação e discussão no campo da ciência. Em 1635, funda a *Académie parisiensis*, uma versão prévia da Academia de ciências de Paris. A correspondência mantida com Descartes apresenta-se revestida de importância, uma vez que por meio dela estão registradas as reações que provocaram as idéias de Descartes no meio científico e o desenvolvimento dessas idéias por meio das discussões registradas nas cartas.

2 Trata-se do matemático inglês John Pell de quem, segundo consta na edição AT, há três cartas escritas para Mersenne a respeito desse assunto: 21.11.1639; 24.1.1640; 29.3.1640. Cf. AT, III, p. 51-3.

3 Em carta de 11 de março de 1640, Descartes agradece a Mersenne pelo envio da semente. Em 16.10.1639, Descartes escreve a Mersenne a respeito dessa erva e afirma que está desenvolvendo um estudo sobre as plantas. Em novembro (13.11.1639), agradece a oferta de Mersenne em enviar a semente, uma vez que o exemplar que havia no Jardim de Leiden não conseguiu se desenvolver.

4 Refere-se a Blaise Pascal.

5 Girard Desargues de Lyon (1591-1661), matemático que freqüentava o círculo de matemáticos formado ao redor de Mersenne, composto por Descartes, Etienne e Blaise Pascal, dentre outros. Desargues destacou-se com seus trabalhos voltados para a geometria. Cf. AT, III, p. 53-6.

6 Trata-se de uma resposta de Meyssonnier à carta de 29.1.1640 enviada por Descartes; carta a respeito da glândula pineal, da memória e da urina dos hidrófobos. Lazare Meyssonnier (1602-1672) estudou medicina em Montpellier e exerceu a profissão em Lyon. Sua obra é permeada de referências à magia e à astrologia renascentistas. (Cf. Descartes, 1988, p. 327, n. 47).

7 Descartes vale-se desse termo extraído da escolástica, mas sem manter o sentido original, qual seja, o de uma entidade que engendra as percepções sensíveis, ao penetrar em nosso corpo por meio de nossos órgãos dos sentidos. Para Descartes, os espíritos animais estão na base de nossas percepções sensíveis.

8 Sobre a memória cf. *Traité de l'homme*, Quinta parte. (AT, XI).

9 AT, VII, p. 109-14.

10 A respeito dessa memória que é própria dos homens, Descartes desenvolverá, anos depois, maiores considerações. Cf., por exemplo, a correspondência com Arnault de 1648, e a carta a Burman, 16.4.1648. (AT, V)

11 Adrien van Falkenburg, anatomista em Leiden, dedicou-se ao estudo do cérebro (Descartes, 1988, p. 339).

12 O começo da observação anatômica se dava pelas partes que estavam sujeitas a um rápido processo de putrefação, ficando as mais resistentes para o final, dentre as quais está a cabeça.

13 Cf. Discurso V da *Dioptrique*, AT, VI, p. 129.

14 Trata-se de Pierre Petit, conforme indica a edição AT. Em carta a Huygens de 12.3.1640, Descartes externa o seu descaso com relação a tudo o que Petit alega.

15 Em carta de 13.11.1639, Descartes solicitou a Mersenne enviar um catálogo de plantas raras do Jardim Real, em contrapartida ele enviaria um catálogo do Jardim de Leiden. Até 11 de junho, Descartes não havia recebido o catálogo (AT, III, p. 73).

16 A respeito desse assunto, cf. carta a Mersenne, 11.6.1640, em especial, a nota 87 da edição AT (AT, III).

17 Cartas a Mersenne referentes a esse problema: 11.10.1638, (AT, II, p. 395) e 29.1.1640 (AT, III, p. 8).

18 Carta de 11.3.1640. (AT, III, p. 33).

19 Claude Mydorge (1585-1647) dedicou-se aos estudos de matemática e de física, tendo publicado livros voltados para as seções cônicas e para o sistema ótico. Muito amigo de Descartes, chegou a construir instrumentos óticos para o filósofo.